



OS SABERES E USO DE PLANTAS MEDICINAIS PELAS MEIZINHEIRAS DO CARIRI CEARENSE E O DIÁLOGO COM O TERRITÓRIO E A SAÚDE¹

Araújo, Bruna Dayane Xavier de²

² Doutoranda em Geografia, UFC, Fortaleza – Ceará, e-mail: bru.arauj@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo visa refletir sobre os usos de plantas medicinais pelas camponesas e pertencentes ao grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*, localizado na região do Cariri, sul do estado do Ceará. Tendo como escopo analisar práticas e vínculo com os processos de territorialidades, modo de vida e os seus saberes ancestrais. O percurso metodológico seguiu as seguintes etapas: levantamento bibliográfico, pesquisa documental, trabalhos de campo e entrevistas. As meizinheiras reconstróem um saber que vem sendo repassado por gerações ao longo do tempo. Os saberes de que são portadoras apresentam-se como emblema da memória individual e coletiva e, sobretudo, dos conhecimentos populares locais. Além disso, é um pilar importante para o fortalecimento da agroecologia e de redes de solidariedades construídas entre elas.

PALAVRAS-CHAVE: Plantas Medicinais; Território; Agroecologia; Camponesas e Saúde Popular.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais utilizadas como chás, banhos e outros produtos é algo que remete à raiz das civilizações e da história da humanidade. Os sinais de uso terapêutico de plantas foram encontrados nas sociedades antigas, tais como egípcias, mesopotâmicas e medievais. Essas práticas que estão presentes em experiências de saúde popular na base de diversos povos, atravessam tempos e compõem a atualidade. No Brasil, a utilização de plantas medicinais é uma confluência das matrizes indígena, europeia e africana, construindo o saber popular das populações do campo e das periferias das cidades do nosso país.

Este artigo desvela os saberes terapêuticos de práticas populares de saúde, também chamada de medicina popular, desenvolvidas pelas agricultoras do grupo de mulheres *Meizinheiras do Pé da Serra*, situado na comunidade Chico Gomes, localizada a oito quilômetros da sede do município de Crato, região do Cariri, ao sul do Ceará. Essas práticas constroem estratégias de fortalecimentos de vínculos com o território e com a agroecologia, no sentido de garantir a agrobiodiversidade e a saúde popular. Outro elemento relevante, é que diversas ervas são consideradas alimentos e remédios, são vínculos importantes de resistência e preservação da ancestralidade. Revela-se também o protagonismo feminino de serem multiplicadoras desses saberes.

Ao mergulhar nas atividades das meizinheiras, adentrei no espaço e no convívio do território para conhecer e compreender as práticas de uso de plantas medicinais, descobrindo quais articulações são realizadas para essas práticas se constituírem. Nesse caminhar, a tessitura do objetivo geral foi analisar as

¹ Artigo fruto da dissertação de mestrado produzido pela autora.



práticas populares de saúde através das experiências de apropriação, manipulação e uso de plantas medicinais do grupo Meizinheiras do Pé da Serra, localizado no município do Crato, estado do Ceará e seus vínculos com o território e a saúde.

As agricultoras cultivam plantas medicinais, ou recorrem à vegetação próxima de suas moradias, e produzem remédios caseiros, por exemplo: lambedores, chás, banhos, infusões, *unguentos*, garrafadas, sabonetes e o uso de folhas para benzeduras. As integrantes do grupo² se reúnem, compartilham entre si os saberes e desenvolvem coletivamente os medicamentos caseiros para atenderem a suas demandas, de suas famílias e da comunidade. Atualmente, quatro mulheres que compõem o grupo estão mais à frente desse processo, são: Dona Rina, Dona Auxiliadora, Dona Penha e Dona Iraci, que guardam em suas vidas o conhecimento da comunidade sobre o uso de plantas que curam.

A concepção de saúde para o grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*, por exemplo, se insere em uma dimensão integrativa, na qual o espiritual, o bem-estar, a interação com a natureza, a responsabilidade social e o corpo saudável compõem esse significado que é estar saudável.

METODOLOGIA

O percurso trilhado para o desenvolvimento deste estudo, substancialmente, consistiu em: revisão bibliográfica, pesquisa documental e trabalho de campo. Neste último, realizamos participação nas atividades cotidianas do grupo, registros fotográficos e entrevistas com as integrantes e com os demais interlocutores identificados *in lócus*. No que concerne ao desenvolvimento metodológico para entender as práticas empregadas pelas meizinheiras, tomamos por base uma abordagem qualitativa. Recorri aos princípios de observação e da imersão da escuta das narrativas pautadas nas experiências concretas realizadas no cotidiano dessas agricultoras. Concordando, assim, com Minayo (2008, p. 24) ao afirmar que “[o] universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e reinterpretadas pelos sujeitos que as vivenciam”

A pesquisa tua em diversas realidades e no espaço agrário presta serviços aos agricultores. No Cariri, há a Cáritas Diocesana do Crato. foi conduzida a partir de uma dimensão interdisciplinar. Através de uma aproximação entre o saber científico e o saber popular, a partir do debate o debate teórico sobre plantas medicinais e as experiências das mulheres que constroem os discursos a partir do que é vivido no cotidiano.

RAÍZES QUE CURAM: ADENTRANDO NAS EXPERIÊNCIAS DAS CAMPONESAS DO CARIRI CEARENSE

O uso de plantas para fins terapêuticos é considerado um saber ancestral que vem sendo repassado através de gerações ao longo do tempo. Camargo (2014) relata que na Mesopotâmia é onde encontramos as bases de conhecimentos que nos ligam a história das plantas medicinais que depois de longos processos,

² O grupo é composto por mulheres do campo. Sua composição varia nos encontros, chegando a participar entre quatro a doze camponesas.



chegaram aos portugueses e em seguida a vários grupos sociais se apropriaram desses conhecimentos.

Camargo (2014) afirma que nas crenças de origem indígena e africana, o denominador comum entre essas linhagens é o caráter nitidamente imaginário-místico de que eram e são investidos os vegetais. A espiritualidade ilustra o caráter sacral das práticas populares de saúde. Nestas cosmovisões, mente, corpo, espírito e ambiente se apresentam como indivisível. A concepção de saúde e doença está vinculada à ausência de enfermidades e à saúde do ambiente.

No Brasil, as experiências com vegetais voltadas para cura são frutos das influências culturais constituindo o saber popular que é desenvolvido por pessoas e o convívio com o ambiente, apropriando-se e (re)construindo-o a partir das experiências cotidianas. O saber popular está veiculando ao local onde está sendo (re)construído e dialogado com outros saberes, tanto locais quanto exteriores. Araújo (1999) ilustra que, com a miscigenação, a medicina do povo transformou-se num rio caudaloso de influências, recebendo diversidades altamente criativas de culturas e de povos, o que vem a representar o espírito de brasilidade da cultura popular.

As práticas de cura e a cultura correlacionada ao conjunto de ações de saúde popular fazem parte do uso de parte da população em nosso país, devido à grande biodiversidade e às dificuldades de acesso ao atendimento público de saúde. Matos (2002) coloca que aproximadamente cerca de 82% da população brasileira utiliza produtos à base de plantas medicinais nos cuidados primários de saúde. Mesmo carente de estudos que confirmem a eficácia, a planta medicinal, fresca ou seca, é utilizada por até 90% da população menos abastada do Nordeste para a solução dos problemas de saúde. Os remédios caseiros, produzidos a partir das plantas medicinais, tornaram-se uma forma de promoção à saúde e de autonomia das populações do campo.

As práticas populares de saúde levam em consideração, além de uma avaliação geral do corpo, as especificidades da vida do paciente para compreender a causa da doença e pode atuar em cima dela. Os agentes sociais vinculados a práticas de saúde popular são, comumente, da mesma classe social e possuem uma linguagem mais compreensível, levando o paciente a se apropriar desse contexto, se sentir inserido na relação com o próprio corpo e se sentir protagonista nesse processo de cura.

Essas mulheres se inserem na categoria sociopolítica das camponesas; desenvolveram atividades ao longo da vida vinculadas à agricultura, tendo o modo de viver relacionado à natureza, terra-território. No caso, o cultivo de plantas medicinais é próximo ou nos próprios quintais produtivos intercalados com os cultivos de outras culturas usadas para o consumo familiar e o excedente vendido em mercados e feiras agroecológicas. Nesse sentido, compreendemos a importância das ervas medicinais para o debate do projeto político e produtivo agroecológico. A agroecologia torna-se um instrumento de defesa de seus territórios e paradigmas de produção, compreende-se não só como uma técnica de produção de alimentos orgânicos, insere-se nas relações sociais igualitárias, respeito às temporalidades do meio ambiente e comercialização de forma mais justa que coaduna com o debate de soberania alimentar. Para Marcos,



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

A agroecologia é entendida como uma abordagem da agricultura, uma base científica que integra diversos aspectos agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos para a produção de alimentos, capaz de realizar a crítica da agricultura convencional e orientar o correto redesenho e manejo dos agroecossistemas em busca da autossustentabilidade. (2007, p.06)

A agroecologia deve ser entendida não apenas como substituição de insumos químicos por biológicos. Schmitt (2009, p. 196 -197), explica que “essa forma de fazer agricultura não depende apenas da preservação dos recursos naturais utilizados nos processos produtivo, mas do fortalecimento de novas redes de relações que desempenham um papel importante na sustentabilidade social e econômica desse novo modo de vida”. Assim, elevando a autonomia das populações do campo e os seus territórios.

O grupo *Meizinheiras do Pé da Serra* foi criado em 2012. O grupo surgiu do interesse em fortalecer e sistematizar os saberes e as práticas de saúde popular. As principais integrantes, que estão mais à frente das atividades do grupo, são Dona Rina, Dona Iraci, Dona Penha e Dona Auxiliadora.

Nas experiências em campo, nas falas e nas práticas de sociabilidade analisadas, uma característica evidente é a identidade dessas camponesas com as atividades de mezinhas. A expressão mezinha, é bastante comum na região do Cariri cearense, é originária do latim e significa remédios ou receitas caseiras. Campos (1967), explica que os conhecimentos de mezinhas permeiam a vida dos sertanejos, esse termo também é entendido como os ensinamentos que trazem mais conforto e bem-estar para população sertaneja que tem os conhecimentos tradicionais como meios para sobrevivência. Os detentores das mezinhas não as compreendem como um conhecimento particular, tendo que guardá-lo, mas como saber universal, digno de todos terem acesso.

O que nós faz é remédio caseiro. E nesse, nós estamos. Mezinhas é as raízes do mato, já gerado no mato. Aqui no nosso pé de serra tem muita raiz que nos acolhe. [...]Muita coisa nós pega aqui no mato. E as outras coisas nós têm em nosso quintalzim. E isso significa ser Meizinheira, pois onde a gente vai e ver um pé de remédio, que nós conhece, a gente traz, se a gente não tiver, e a gente coloca em nosso munturo. (Dona Iraci)³

As mulheres do grupo *Meizinheiras do Pé da Serra* trazem consigo a experiência de trabalhar na agricultura, da vivência na mata, dos cuidados com a casa, das gestações, de criação dos filhos e também do uso das ervas medicinais nas práticas de cuidado com a saúde. Dona Rina, ao relatar a importância das plantas medicinais coloca que

Cada planta que tem aqui é uma serventia para fazer remédios. Meus nove filhos criei assim fazendo chazim, os lambedor. Assim que criei

³ Relato cedido no período das entrevistas dos trabalhos de campo, gravado e posteriormente transcrito. Trabalhos de campos realizados no período entre 2015 e 2016.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

eles. A gente acaba num tá necessitando o tempo todo tá ao pé do médico. Os primeiros socorros é aqui. Têm receitas para várias coisas, até mesmo quando se tá triste... tem para ficar mais alegre, tomar chá de alecrim e alfavaca. Para pressão é bom tomar chá de colônia mais erva cidreira e capim santo. Não gosto de tomar comprimido, dá uma sensação ruim no estômago. Me cuido mais com remédios do mato. (Informação verbal)

Dentre os produtos, o mais corriqueiro é o lambedor, que é um expectorante. Neste, a meizinheira explana que utiliza jatobá, imburana e moçambê.

Ele serve muito para arrancar o catarro do peito, para aquela tosse seca. Eu faço esse lambedor para os meus filhos e para as pessoas que procura. Faço para criança também, só com a malva do reino, cebolinha branca, pepaconda, contra erva e eucalipi (Dona Rina).

A maneira como é repassado esse conhecimento é por meio da oralidade. Por mais que não tenha intimidade com a escrita e com a leitura, as agricultoras podem interpretar e expressar sobre o mundo em que vivem. As mezinheiras decifram os sinais da terra, da mata e dos animais. Sabem ler as enunciações do clima, os prenúncios da chuva e os sinais das plantas, desse modo elas repassam o que aprendem com o contato da natureza e também com o que aprenderam com os pais e avós. Mesmo sem contar com muitos recursos, elas contribuem para a vida de muitas pessoas e desempenham papéis importantes na comunidade. Sobre a riqueza do local, a importância da natureza e a utilização das mezinhas no cotidiano, Dona Iraci explana sabiamente que:

A gente mora aqui no pé de serra, a gente mora dentro da medicina. Nós tem as nossas mezinhas, as nossas plantinhas de ervas. A malva do reino, o alecrim, erva coronha, a babosa e sempre a gente faz os nossos lambedor. Já tenho dito que a gente mora dentro da medicina, das mezinhas do mato, das raíz que curam (informação verbal).

Auxiliadora, também meizinheira, é conhecedora de banhos e chás para diversas doenças. Produz garrafadas para várias enfermidades, como, por exemplo, para inflamação, sendo utilizada por mulheres pós-parto, auxiliando na recuperação e tratamento de inflamação. Auxiliadora descreveu como aprendeu a fazer garrafadas.

Quando minha mãe ficava grávida ela fazia garrafadas, quando estava com cinco a seis meses de gravidez. Olha bem, ela pegava uma garrafa, aí ela botava Imbiriba, gengibre, vassourinha, raiz do chanana, casquinha do marí. Aí, ela colocava tudo dentro da cachaça. Nesse tempo a gente não tinha geladeira, ela enterrava a garrafa, quando ela tirava, tava apurada. Sempre teve filhos com parto normal, ela começava a tomar a garrafada. Foi assim que aprendi (informação verbal).

A terra tem valor prático, material, é fonte de produção de alimentos e das ervas medicinais. A relação



com a terra se estende de diversas formas para as mezinheiras e para os demais moradores da comunidade. É assento onde construíram as casas e desenvolvem as relações cotidianas, contudo, também possui um significado simbólico, é o recorte espacial pertencente aos seus ancestrais, onde passaram suas histórias de vida e onde construíram suas identidades.

Haesbart (2004) expõe que território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, “[...] desdobra-se ao longo de um contínuo que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (p. 95-96). O simbólico se expressa como prática de territorialidade, ao conferir aos territórios características singulares, exclusivas dos sujeitos presentes. O território camponês está vinculado intrinsecamente à unidade da produção familiar, onde ocorre a (re)produção camponesa. Wanderley (2009) expõe que o território camponês é um lugar de vida e de trabalho capaz de guardar a memória da família e de reproduzi-la para as gerações posteriores.

A relação com a terra-meio ambiente é de simbiose e de forma através de uma sustentabilidade concebida pelo modo análogo ao qual seus ancestrais viviam. Uma sustentabilidade não construída a partir dos preceitos científicos, mas da concepção de vínculo e necessidade entre sociedade–natureza inserida na mesma esfera.

Porto-Gonçalves (2013) explica que cada sociedade constrói uma concepção de meio ambiente, vinculada a cada cultura que é produzida. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo criado e instituído por cada sociedade. Constitui um dos pilares através do qual as pessoas erguem as relações sociais, a produção material e espiritual, enfim, a cultura local. Cada expressão cultural constrói uma forma de concepção com ambiente, desenvolvendo distintas racionalidades. A racionalidade das mezinheiras é diferente da racionalidade moderna-urbana no tocante ao meio ambiente. Ambas as racionalidades se apropriam da natureza. Em uma concepção moderna a natureza é objeto a ser dominado. Contudo, para as mezinheiras, a natureza não é apenas vista como matéria-prima ou como fonte de inesgotável de lucro. A natureza compõe a realidade das camponesas, elas compreendem que a natureza é algo que está dentro e fora delas, por isso ser tão natural, se curar através das folhas, raízes e sementes.

Outra questão importante percebida nas vivências com as mezinheiras é que essas mulheres têm pontos que as aproximam, são mulheres mais velhas, são mães, avós, conselheiras da comunidade. Suas experiências de vida que se revelam como referências nos cuidados com a saúde.

Beauvoir (1970), na obra *A Velhice*, aponta que em algumas sociedades antigas a sabedoria dos mais velhos acerca da cura através de medicamentos naturais conferia-lhes um lugar de destaque em suas sociedades. Eram tidos como sábios, respeitados, e tinham uma posição de poder graças a estes conhecimentos. A autora expõe que em algumas sociedades arcaicas respeitavam-se os anciãos, pois são eles que transmitem as tradições; a memória dos antigos mitos lhes vale um grande prestígio, são os guias e os conselheiros da coletividade. Em outro momento da obra, a autora afirma que tanto a etnologia, quanto a biologia mostram que a contribuição positiva dos idosos para a coletividade é a memória e a experiência de repetição, multiplicam as capacidades de execução e de julgamento.



Beauvoir afirma que em outras sociedades as pessoas mais velhas sofreram algum tipo de rejeição, ou foram colocadas de lado: “[os] velhos representam um papel menor entre os povos que são suficientemente avançados para não acreditarem na magia e para não darem muita importância à tradição oral” (BEAUVOIR, 1970, p. 91).

São as mulheres mais velhas da comunidade Chico Gomes que dominam os saberes ancestrais sobre as plantas. Em diversos momentos de nossas conversas, as mezinheiras recordaram como apreenderam as práticas de cuidado em referência à saúde. O aprendizado também está ligado a experiências pretéritas.

Muitos relatos se unem, como uma colcha de retalhos, memórias individuais e concepção de cada uma sobre o espaço que viveram na infância e na juventude formam uma memória social sobre o uso das plantas medicinais da localidade.

Todas as receitas eu tenho na minha cabeça. Eu faço essas receitas porque via minha mãe fazendo. Eu não estudei, não sei ler, mas essas receitas eu tenho tudo em minha memória. Quando vejo meus filhos doentes, eu lembro do que minha mãe fazia. Deus me deu força, sabedoria e memória. (Dona Iraci)

Bosi (1994), na pesquisa sobre lembranças e narração a partir das memórias dos mais velhos, coloca que o processo de recordar é uma tarefa que exige paciência para gerar a reconstituição, existindo no sujeito plena consciência do que está realizando. Ao reconstituir o passado, este sofre influências do contexto atual, já que “A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações” (BOSI, 1994, p. 46). O instrumento importante para a memória é a linguagem, sendo um canal da imagem lembrada com as imagens atuais. Ao narrar as experiências pretéritas, as mezinheiras afloram as raízes, o cerne dos saberes, colocam em exercício novamente o que vivenciaram, fortalecem esses saberes e se tornam uma prática educativa, a qual, a partir da oralidade, são transmitidos os saberes, na grande maioria das vezes através de conversas informais.

A reprodução deste saber popular através da oralidade produz uma estética permeada de sentido, sentimentos, memórias e criatividade. Ao mesmo tempo em que o toque, a escuta e o acolhimento também estão presentes na forma como as mezinheiras desenvolvem as práticas populares de saúde. A afetividade é o que tece a relação mezinheira – paciente. São relações pautadas na responsabilidade com o outro e com a comunidade.

O grupo das mezinheiras promove encontros para compartilhar e expandir os conhecimentos sobre o assunto. Os diálogos promovidos constroem espaços educativos. Nesses debates, elas percebem que é na ação cotidiana, nas articulações sociais, na valorização da cultura popular que elas mostram que é possível transformar o mundo delas.

Há uma relação de afetividade com o lugar, práticas populares de cuidado com a saúde, e a organização em torno destes hábitos trazem reconhecimento e fortalecimento do território. Haesbaert (2004) expõe que território imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, “desdobra-se



ao longo de um contínuo que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica'" (p. 95-96). O simbólico se expressa como prática de territorialidade, ao conferir aos territórios características singulares, exclusivas dos sujeitos presentes. A territorialidade seria a manutenção e a consolidação desses territórios, a partir das atividades sociais que buscam esse fortalecimento através das práticas diárias, do modo de vida e da organização dos sujeitos sociais envolvidos. A afetividade, identidade e ressignificação cultural contribuem para moldar a sua feição. O território não se constrói apenas como relações de poder, mas também de identificação e afinidade com o espaço.

Os primeiros encontros das mezinheiras aconteceram de forma espontânea, posteriormente com a contribuição da organização Cáritas⁴. Atualmente, compreende-se como coletivo engajado, organizado e orgânico. Nos seus encontros, elas lembram tempos de infâncias e adolescências, como criaram os filhos, das dificuldades enfrentadas e das transformações do tempo-espaço. As integrantes ampliam, aperfeiçoam e compartilham os conhecimentos. Aprendem técnicas novas sobre armazenamento e embalagens dos remédios. Esse processo lhes faz valorizar os saberes populares locais, fortalecem a autoestima e a autonomia. Dona Penha expôs sobre a importância de trocar as experiências com as outras pessoas da comunidade. Explicou que, depois da criação do projeto, houve mais interesse por estas práticas e pela divulgação dos trabalhos.

Gosto de me reunir com as meninas, por causa da luta. Colocar as coisas em dia, levar as mezinhas para feira para vender também. Sempre que faço o remédio, primeiro eu peço a Deus. A fé contribui para cura, para mim saúde é tudo em nossas vidas. Mezinheira toda vida eu fui, só que hoje a gente tá mais desenrolada, porque a gente tem o nosso grupo (informação verbal).

As mezinheiras são guardiãs de saberes e rituais de cura apreendidos de forma ancestral e que carregam conhecimentos indígenas, europeus e africanos, povos que influenciaram na formação desta comunidade. O global e o local se encontrando e sendo mutáveis e permanentes ao mesmo tempo. Dona Rina expõe que:

Com esse projeto das Mezinheiras fico mais feliz em cuidar e fazer meus remédios, tem mais significado. Quero ter mais tempo para cuidar das minhas plantas. Dá uma sensação boa. Me sinto feliz cuidando delas [...] Já fui dar cursos em outras comunidades, até em outras cidades. Me sinto muito importante! (Informação verbal)

As mezinheiras relataram que, desde que construíram o grupo, houve um acréscimo cultural no cotidiano delas. Ao se reunirem, as camponesas saem da rotina, conhecem outras pessoas, lugares e aprendem conteúdos novos. Nessas vivências, as camponesas ressignificam o cotidiano e as concepções de mundo. Sales (2007) explica que

⁴ Cáritas é uma entidade nacional de cunho religioso de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Atua em diversas realidades e no espaço agrário presta serviços aos agricultores. No Cariri, há a Cáritas Diocesana do Crato.



a participação das mulheres rurais em grupos de produção, coletivos ocupação da terra e eventos políticos tem suscitado novos processos e reflexões sobre a própria situação e aquilo que se passa em torno delas. A participação em movimentos sociais incentiva as mulheres mais atuantes a romper com a rígida divisão de papéis, com o lugar já predeterminado na família, no trabalho, e a ocupar espaço no campo político. [...] Depois de experimentar uma atividade produtiva rentável e social, as mulheres não são as mesmas, já não se sentem tão prisioneiras, estão mais abertas às multiplicidades do mundo, sonham com liberdade e, assim, contagiam outras mulheres, afetando e sendo afetadas por esses desejos (SALES, 2007, p.442).

Nas atividades desenvolvidas em parceria com a Cáritas, discutiram sobre gênero, sexualidade e autonomia no campo. Diversos pontos foram problematizados e correlacionados com o cotidiano das Meizinheiras. Dona Penha explica que

Uma coisa boa do projeto é que a gente sai de casa, muda a rotina, é bom passar um tempo fora. Nessas andanças a gente troca mais. A gente só não sai mais por causa das atividades domésticas (Informação verbal).

Nos encontros, as meizinheiras promovem verdadeiras ações criativas libertadoras de fortalecimento de culturas e de existência. Elas discutem sobre saúde, debatem a relação socioeconômica em que estão inseridas, trazem músicas, poesias, fatos vivenciados antigamente, produtos artísticos que fazem uma análise crítica sobre a realidade. Várias outras especificidades que permeiam a vida dessas mulheres são trabalhadas nos espaços de discussão e reflexão. Por exemplo, as meizinheiras realizaram debates sobre os papéis sociais que são atribuídos às mulheres e aos homens no campo. Os encontros debatem sobre gênero, relação com o território e construção de autonomia. Os encontros também transformam cada uma das integrantes; elas saem diferentes, já não são mais as mesmas. Essas vivências ressignificam o cotidiano e as concepções de mundo, precisamente no que diz respeito à figura da mulher no campo. Nesses espaços elas constroem também concepção de saúde.

Na racionalidade das meizinheiras, saúde está para além da ausência de enfermidades. Tem a ver com o que se estabelece com a natureza, com o bem-estar emocional, com a tranquilidade, com a ausência de dor, com a paz na comunidade, com a união na família e com a oportunidade de trabalhar na terra. Como uma das meizinheiras colocou: “Saúde é felicidade!”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As meizinheiras do pé da serra vêm promovendo o fortalecimento de um arcabouço de saberes referentes a qualidades, propriedades e aplicação das plantas medicinais para saúde humana e uma integração com o ambiente. O uso das plantas medicinais nesse contexto possui aspectos sociais, culturais, pedagógicos, econômicos, ecológicos e terapêuticos. As plantas medicinais têm um importante valor em



agregar ao saber popular os conhecimentos produzidos cientificamente.

Dentre as limitações e dificuldades que elas expõem é a questão dos jovens se engajaram nessas práticas e garantirem a transmissão desse legado, alguns mostram interesse, mas a maioria não. Outro ponto é a dificuldade de administrar as atividades domésticas com as do grupo, apesar delas terem feito importantes reflexões e mudanças em seus cotidianos, ainda têm muitas questões para serem transformadas que vão além de um grupo sobre partilhas e saberes sobre plantas medicinais, estão fixadas na organização social pautada em uma sociedade patriarcal, desigual e capitalista.

Contudo, apesar desse grupo não representar modificações estruturais, vem contribuindo significativamente na vida das agricultoras, para elas compreenderem um pouco mais sobre si, sobre o mundo a sua volta e, assim, transformá-lo.

As mulheres rurais constroem também processos de fortalecimentos de vínculos com seus territórios através da afirmação dos saberes ancestrais e seus modos de vida. Inserindo nas práticas de experiências de transição agroecológicas, os conhecimentos e uso de plantas medicinais e, como isso, correlacionando seus projetos de saúde, ambiente e território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo propôs fazer um breve relato e reflexão sobre o papel das mulheres nos cultivos, no preparo e no uso de plantas medicinais, com o intuito de visibilizar essas práticas e sua importância no debate sobre espaço agrário e agroecologia.

É importante frisar o papel que as mulheres desempenham em suas comunidades, tanto no fortalecimento, quanto na multiplicação desses conhecimentos. A discussão sobre o uso de plantas medicinais pode fortalecer e ampliar a discussão sobre matrizes da agroecologia, trazendo a importância das ervas para a alimentação, para a saúde e para o vínculo com a biodiversidade.

O uso de plantas medicinais está de sobremaneira vinculado à saúde popular, saber das populações do campo e suas estratégias de apropriação e significados aos seus territórios. As experiências dessas mulheres agricultoras nos convidam a entrarmos em contato com nós mesmos e com as nossas origens históricas. A partir de seus atos simples e sutis do dia a dia, observei a presença dos processos sociais, históricos, culturais e a força do conhecimento popular e também do agroecológico.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Bruna Dayane Xavier de. **Raízes da Cura: Os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas mezinheiras do Cariri cearense**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, PRODEMA, Universidade Federal do Ceará – UFC, 2016.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CAMARGO, Maria T. Lemos A. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2014.
- CAMPOS, Eduardo. **Medicina popular do nordeste: superstições, crendices e mezinhas**. Rio



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi- territorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MARCOS, Vália, de. Agroecologia e Campesinato: Uma Nova Lógica para a Agricultura do Futuro, **Revista Agrária**, São Paulo, nº 7, 2007. p. 4-32.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** São Paulo: Hucitec, 2008.

OLIVEIRA, E. R. de. **O que é medicina popular?** São Paulo: Abril Cultural/ Brasiliense, 1985.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Os (des) caminhos do meio ambiente.** 16ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

POLÍTICA NACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf. Acesso em 15 de dez 2015.

SALES, Celecina de M. V. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, vol 15, nº. 2, 2007. p.437-443.

SCHIMIT, C. J. Transição Agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira. In: SAUER, S.; BALESTRO, M. V. **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica.** São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 177-203.

WANDERLEY, M. N. B. O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.